

Parte II - o Durante...

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

(Fernando Sabino)





Capítulo 3

Uniões amorosas após namoros breves

“Cumpra sua obrigação de namorar, sob pena de viver apenas na aparência. De ser o seu cadáver itinerante”
(Carlos Drummond de Andrade)

Jaqueline Soccol
Edna de Oliveira Corral
Letícia Rosito Pinto Kruel
Patrícia Galdino Lague

No campo das relações sociais sempre houve normas muito claras de como as pessoas devem comportar-se em determinada situação, com quem podem relacionar-se e quais as formas aceitáveis de relacionamento para cada idade, sexo, estado civil, poder econômico, classe social, etc. Quando a questão envolvia os relacionamentos amorosos, as proibições, os tabus e a moral ganhavam ainda mais força e rigidez, por vezes, não contemplando os desejos e as paixões de cada indivíduo.

A família - como um dos primeiros e mais significativos espaços de contato social do indivíduo - recebeu por muito tempo o lugar de aprendizagem das normas sociais e o dever de segui-las fielmente para manter o *status* de bom exemplo a ser seguido. No entanto, a família tradicional como a conhecíamos, pai-mãe-filhos, vêm sofrendo uma série de modificações e atualmente não percebemos mais um padrão único, mas sim a coexistência de diferentes modelos de agrupamento familiar, com novas regras e funções sociais. Hintz (2001) problematiza o conceito tradicional de família e descreve as configurações familiares



que vêm ganhando espaço na pós-modernidade: famílias monoparentais, família reconstituída, uniões consensuais, casais de adolescentes, casais sem filhos, famílias unipessoais, associação de amigos e casais de homossexuais.

As organizações familiares citadas não eram aceitas e sequer imaginadas como possíveis configurações sociais. As relações amorosas também vêm sofrendo muitas mudanças e cada vez mais vêm contemplando os desejos e bem-estar dos parceiros como prioridades em detrimento das normas morais e convencionais. Assim, novas configurações relacionais também surgiram entre os casais. Muitas das uniões que conhecemos atualmente, como os enlances homoafetivos, as relações abertas, os recasamentos, etc., são algumas das novas configurações relacionais que vêm surgindo na pós-modernidade e que há alguns anos eram inconcebíveis.

Um dos fatores que mudou também é a forma como a escolha do companheiro se dá e os motivos que levam ao matrimônio. De casamentos arranjados pelos pais, por interesses econômicos, políticos e pessoais, vemos surgir a livre escolha do cônjuge feita pelo próprio sujeito, motivado pelo amor que sentem um pelo outro (DUARTE; ROCHA-COUTINHO, 2011). Apesar de que muitos fatores mais tradicionais ainda estão presentes atualmente nos motivos de escolha, como escolher um parceiro pela posição social, poder econômico, acúmulo de bens, jogos políticos, etc.

Geralmente os motivos envolvidos na escolha de parceiros para o casamento não são totalmente conscientes, embora, quando se pergunte à pessoa o que a levou a escolher aquele parceiro, ela acredite que a escolha foi consciente, que aconteceu por sua livre e espontânea vontade. Mas os motivos na maior parte deles são influenciados por dinamismos inconscientes. Sendo assim, o modo como as pessoas veem, sentem, imaginam e entendem as relações amorosas remete, antes de tudo, à compreensão que se tem de amor, que é datada e construída de acordo com o contexto social, cultural, religioso, político e econômico específico em que se inserem.



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

O casamento, apesar de não ser mais prioridade, continua sendo desejado. A escolha pelo casamento, assim como sua manutenção ou ruptura, compreendem aspectos de maior subjetividade. Atualmente, vários são os significados atribuídos a casamento, sexo e amor, e assim cada pessoa tem cada vez mais liberdade de escolher como viver seus relacionamentos (FALCKE; ZORDAN, 2010).

O tempo de relacionamento prévio e a idade em que as pessoas casam, foi se modificando ao longo do tempo. Era comum vermos moças casando muito jovens, por volta dos 14 anos de idade, tendo em vista que desde a primeira menstruação já eram consideradas mulheres e estavam aptas ao matrimônio. Hoje, com a inserção da mulher no mercado de trabalho e com as constantes pressões por capacitação profissional, os jovens vêm optando por dedicar-se aos estudos e consolidar sua carreira de trabalho antes do matrimônio. Aliado a isso, a possibilidade de namorar na casa dos pais e a liberdade para manter relações sexuais antes do casamento colaboram para que a saída de casa seja mais tardia e para o adiamento da união amorosa com o parceiro.

Ao mesmo tempo que a idade e o tempo de relacionamento para a união aumentaram, vemos muitas uniões amorosas ocorrerem após breves namoros - o que ocorre por diversos motivos. Este capítulo pretende discorrer sobre as novas uniões amorosas na atualidade e os fatores que levam casais a se unirem após breves relacionamentos amorosos.

O método utilizado é de caráter exploratório em que se propõe uma reflexão acerca do tema, sem a intenção de formatar modelos ou ser conclusivo a respeito do assunto. As experiências da prática profissional das autoras servirão de base para a compreensão das singularidades que surgem no discurso dos pacientes em terapia de casal a respeito das novas configurações relacionais, assim como os estudos e as leituras de autores da atualidade acerca das mudanças sociais que as famílias, os relacionamentos amorosos e o amor vêm sofrendo.



Novas uniões amorosas

O amor romântico permeou as relações e a construção subjetiva dos indivíduos nos séculos XVIII e XIX. As relações amorosas eram construídas com base na idealização do outro e da relação, sendo, portanto espaço de muitas expectativas. Tal tipo de amor está vinculado a casamento, fidelidade, maternidade e ao patriarcalismo. Assim, casamento, amor e sexualidade, no transcorrer do tempo, passaram e passam por inúmeras mudanças, muitas destas em resposta às transformações econômicas e sociais que levam os casais a reverem suas idealizações. Novas maneiras de amar e de se relacionar se constroem continuamente e vem modificando em muito a intimidade e a vida pessoal (ARAÚJO, 2002).

Há neste começo de século XXI, como explicam Falcke e Zordan (2010), uma pluralidade de modelos de conjugalidades, desde casamentos com vínculos legais até coabitantes temporários ou definitivos. Casais heterossexuais, homossexuais. Casais que escolhem não ter filhos até os que fazem inúmeras inseminações artificiais. Casais que dividem tarefas domésticas e a manutenção financeira da casa e optam por dupla carreira, ou seja, os dois investem na sua vida profissional. Casais em que a mulher investe na vida profissional, enquanto o homem cuida da casa e dos filhos. Enfim, são inúmeras as possibilidades de arranjos.

Neste movimento de transformação da intimidade, a tendência é que a sociedade vá gradativamente assimilando e aceitando várias novas configurações de relacionamentos. A seguir, discutiremos alguns dos novos modelos de união amorosa na contemporaneidade.

Coabitação

As uniões atuais estão baseadas no modelo tradicional de casamento, mas também incorporam novas formas de relacionamento. Antes a regra era o namoro e depois o casamento. Já atualmente muitas vezes também é denominada de namoro uma relação em que os parceiros coabitam, sendo esta considerada por muitos casais como uma etapa pertencente ao namoro antes do casamento (PASCOAL, 2010).



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

Por coabitação entende-se a convivência na mesma casa, sem serem casados, por um sucessivo período de tempo. Pode acontecer de um parceiro mudar para a casa do outro, ou para a casa dos pais de um deles; enfim, há muitas possibilidades. Muitos crêem que morar juntos antes do casamento é uma boa maneira de testar a relação. Pascoal (2010) salienta que a escolha por morar junto pode se dar por diferentes motivos, por questões econômicas, por estarem passando muito tempo juntos na casa de um ou de outro, pelas facilidades que o morar junto proporciona, por quererem passar mais tempo juntos, para poderem ter mais intimidade, para fazer um teste antes do casamento, etc.

Ainda segundo Pascoal (2010), coabitação parece ser mais fácil de desfazer do que um casamento civil, e, além disso, proporciona a possibilidade de liberdade e independência da vida de solteiro, associado às vantagens emocionais, sexuais e econômicas do casamento. No entanto, estas mesmas vantagens podem acabar por favorecer a resolução pelo casamento muitas vezes em função de pressão social, situação financeira, etc., uma vez que estas questões dificultam por vezes o término da relação. A autora também refere outra situação comum de acontecer que é de os casais passarem a coabitar, sem, no entanto, terem refletido e assumido esta decisão, ou seja, quando percebem estão morando juntos sem terem ainda estabelecido um compromisso mútuo de fato.

Um estudo de Lisboa realizou 48 entrevistas e diferenciou oito perfis de coabitação conjugal: a coabitação moderna, circunstancial, de noivado, masculina, de transgressão, de tradição, instável e de experimentação (SANTOS, 2008). Dentre os resultados obtidos, chama a atenção o fato de que as coabitações de perfil transitório para uma união formal revelaram alta expectativa de autonomia e liberdade, assim como normas mais flexíveis para que se atinja tal condição. O amor e a liberdade individual são vistos como conciliáveis na coabitação, mas o deixam de ser assim que se caminha para uma união formalizada e institucionalizada. Já no perfil moderno de coabitação, não houve diferentes representações acerca do casamento e da coabitação, ocorrendo uma desvinculação entre casamento e entrada na conjugalidade e entre



casamento e entrada na parentalidade. Isso evidencia que este grupo de coabitantes não é afetado pela instituição matrimônio.

Embora as pessoas tenham muitas expectativas e idealizações a respeito de relacionamento, casamento e do (a) parceiro (a), no que se refere à coabitação parece que as exigências são menores, fazendo com que mesmo não sendo ainda o parceiro ideal, não encontrem problemas para coabitar. O casamento pode ir sendo adiado em função de estudos, formação profissional e investimento na carreira e ao mesmo tempo na medida em que vão adquirindo independência, vai aumentando a liberdade de escolhas (PASCOAL, 2010).

O fenômeno “Namorido”

Esta modalidade de relacionamento é caracterizada por uma união após um breve namoro, sendo o termo “namorido”, uma mistura de namorado e marido. Assim nesta configuração de relacionamento, os namorados passam a morar juntos, não sendo mais apenas namorados, mas somando características próprias do relacionamento de marido e mulher ao coabitarem. Este termo tem se popularizado muito e servido para definir membros coabitantes que já não se sentem apenas namorados, devido à intensa convivência e divisão de um lar, mas ao mesmo tempo não legitimaram a união através da assinatura de um contrato de união estável, por exemplo, ou do ritual do casamento tradicional.

De acordo com Duarte e Rocha-Coutinho (2011), neste modelo, no momento em que o casal passa a morar juntos, não há necessariamente um planejamento sobre a oficialização futura da união, podendo esta ocorrer ou não. Uma das vantagens deste tipo de união em relação ao casamento tradicional é que, por não ser oficializada, a união pode ser desfeita com mais facilidade, ao mesmo tempo que necessita de maior cuidado e comprometimento para que ela se torne duradoura.

Na maioria das vezes, a permanência junta em uma casa vai ocorrendo de forma gradual, em que um vai ficando mais na casa do outro até que se dão conta que praticamente estão morando juntos. É



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

comum conversarem sobre morar juntos só depois que, na prática, isso já esteja ocorrendo. O fator econômico acaba pesando bastante para tal decisão, já que os custos em manter dois apartamentos, quando se passa a maior parte do tempo ao lado um do outro, parece ser desnecessário (DUARTE; ROCHA-COUTINHO, 2011).

Um estudo carioca com cinco mulheres com idades entre 27 e 37 anos, que vivem uma relação do tipo “namorido” há pelo menos um ano, mostrou que há menos compromissos e deveres de um companheiro para com o outro. Não há obrigação de dar satisfações ao cônjuge, de participar da vida do outro e nem de conhecer a família de origem do (a) namorado (a). Outro fator que define essa relação é que ela deve durar enquanto estiver trazendo satisfação aos parceiros, não havendo comprometimento quanto à durabilidade da união e nem obrigação de terem filhos. No entanto, constataram que essa relação em muito se assemelha aos casamentos contemporâneos já que para as entrevistadas o fato da relação não ser oficializada não diminuía o comprometimento existente entre os namorados (DUARTE; ROCHA-COUTINHO, 2011).

O breve período de namoro e a rápida união refletem o funcionamento comum da contemporaneidade, em que o hoje é privilegiado, devendo ser vivido intensamente e com urgência. De acordo com Duarte e Rocha-Coutinho (2011):

‘namorido’ parece ser uma modalidade de relacionamento resultante do individualismo exacerbado das sociedades contemporâneas em que os vínculos afetivos são mais fluidos e maleáveis. Nele, os indivíduos buscam uma satisfação pessoal instantânea nos relacionamentos amorosos, dispensando, assim, um tempo maior para o conhecimento mútuo (p. 117).

União estável

Conforme o artigo 226 da Constituição (1988) tanto o casamento quanto a união estável, são entidades familiares que tem o mesmo



status e a mesma importância jurídica. De acordo com a legislação, para que a união estável seja reconhecida é preciso que seja pública, contínua e duradoura. Os requisitos que caracterizam a união estável são um tanto subjetivos principalmente no que diz respeito ao tempo de relacionamento, pois o que a lei diz é que a relação tem que ser duradoura.

No caso de dissolução da relação onde estejam envolvidos filhos, divisão de bens, pensão, é necessário que esta relação seja reconhecida e isto pode ser feito através de correspondências, fotografias, depoimentos de amigos e tudo mais que puder servir para sua comprovação. As regras seguidas são as da comunhão parcial de bens.

Embora legalmente a união estável se diferencie do casamento apenas no que se refere à burocracia exigida para o casamento – na união estável basta que uma escritura pública seja lavrada em cartório (se assim os parceiros decidirem) – parece que o fato de não haver a formalização civil pode aliviar a responsabilidade com o compromisso assumido, tornando-a mais possível em muitos casos. Por se tratar de uma união estável parece que alguns casais se comprometem um pouco menos do que com os casamentos tradicionais, visto que este tipo de união aparentemente configura-se como uma etapa anterior ao casamento e ainda pode ser um “teste” para a relação.

Além disso, muitos casais que coabitam, resolvem fazer um contrato de união estável por outros motivos que não a decisão de uma formalização da relação. Um dos motivos mais comuns envolve o acesso aos benefícios trabalhistas de um dos cônjuges, como o usufruto do plano de saúde, o recebimento de auxílio-creche (no caso de já terem filhos), e como garantia futura, para recebimento de pensão no caso do falecimento de um dos companheiros.

Casamento contemporâneo

O casamento passou por uma série de modificações e na contemporaneidade assume novas características, apesar de manter atributos do modelo tradicional. Um estudo sobre amor, casamento e sexo,



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

com jovens adultos com idades entre 20 e 31 anos, residentes no RS, constatou que embora o casamento continue sendo importante e desejado, esse não se encontra entre seus principais projetos de vida. Com relação ao amor, este não é mais visto como algo eterno e exclusivo. O estudo também mostra que com relação aos papéis conjugais há uma transição entre os velhos e novos modelos (FALCKE; ZORDAN, 2010).

As mudanças sociais como o movimento feminista, que buscava o reconhecimento e a liberdade da mulher; a pílula anticoncepcional, com a possibilidade de escolha com relação a maternidade; a possibilidade do divórcio, pondo fim à manutenção dos casamentos sem que haja sentimentos mútuos; todas essas questões foram transformando os relacionamentos e o casamento como o conhecíamos. Consoante, as acentuadas transformações dos papéis femininos e masculinos que vêm ocorrendo no decorrer especialmente, das últimas décadas, tanto no campo social, como profissional e familiar, vêm refletindo nas relações amorosas e sexuais e, conseqüentemente também, no modelo de casamento (FALCKE; ZORDAN, 2010).

As relações, que resultaram a partir dessas mudanças, baseiam-se na igualdade e nos princípios democráticos. Hoje além da relação igualitária entre os parceiros, é bastante valorizado o companheirismo, a cumplicidade, o respeito, a mútua individualidade e não se compreende mais a manutenção de uma relação sem que haja amor. Importa a intensidade e não mais a eternidade. O casamento, portanto não é mais para sempre. Cada vez mais rápida pode ser a decisão de casar-se, mas também, se não der certo, a decisão de separar-se e buscar uma nova relação (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Outra mudança nos casamentos contemporâneos refere-se à necessidade de dividir as tarefas domésticas entre os parceiros, já que ambos trabalham fora e quando voltam para casa precisam dar conta dos afazeres do lar. Apesar da transição existente, as tarefas da casa ainda parecem ocupar o lugar das obrigações femininas, sendo que os homens apenas oferecem ajuda e não se responsabilizam igualmente



pelos serviços cotidianos (JABLONSKI, 2010). Esse funcionamento pode acabar sobrecarregando as mulheres, que vivenciam verdadeiras jornadas duplas.

É interessante observar que a mulher jovem, influenciada pelas mudanças sociais e culturais, traz um discurso de independência, em função da entrada no mercado de trabalho, assim como pela possibilidade de escolha com relação a maternidade (já que esta não mais é vista como prioridade e incontestável), e também sobre a importância de dar atenção as suas questões pessoais e individuais. No entanto, nem sempre este discurso é compatível com a prática, uma vez que frequentemente, encontram-se mulheres que querem casar nos moldes tradicionais e exercer seus papéis de dona de casa e mãe (CARVALHO; PAIVA, 2009).

Assim, apesar do casamento oficial não ser mais algo prioritário para os casais, o ritual e a simbologia do casamento permanece sendo importante para as mulheres o que pode estar demonstrando ainda a permanência de um ideal romântico projetado sobre o ritual do casamento. Contudo, parece que hoje não há mais uma exigência social com o casamento e este se torna cada vez mais uma opção do casal (FALCKE; ZORDAN, 2010).

Fatores que levam a uniões amorosas após breve namoro

Refletindo sobre as novas configurações amorosas na contemporaneidade, constatamos que existem vários fatores que levam casais a se unirem após breves períodos de namoro.

As mudanças sociais, econômicas e tecnológicas são responsáveis pelo surgimento de um novo olhar sobre o amor, o casamento e as relações amorosas. Assim, a vivência do amor como algo fluido, efêmero e intenso associado à facilidade para separação, que a pós-modernidade suscitaram, permitiram uma mudança de padrão nas relações amorosas, a saber: a possibilidade de uma união mesmo com um breve período de relacionamento anterior.



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

Existem aspectos desenvolvimentais que servem de disparadores das uniões amorosas como o jovem adulto que está numa fase de vida em que a busca por um relacionamento amoroso e a consequente construção do “nós” se torna mais premente, o que faz desta uma fase rica em decisões relacionais (PASCOAL, 2010). Assim como, um casal jovem que engravida de forma inesperada (e sente-se pressionado a unir-se sem a certeza de que esta é a melhor decisão), da mesma forma que uma mulher com idade avançada pode sentir-se apressada em encontrar o homem certo (já que seu relógio biológico para a gestação começa a ficar com os dias contados) podem ser aceleradores das uniões amorosas.

Assim, traremos alguns aspectos referentes a questões do desenvolvimento biológico e emocional e de mudanças na sociedade contemporânea, que podem funcionar como disparadores das uniões relacionais após namoros breves.

As mudanças sociais, econômicas e tecnológicas como palco das mudanças relacionais

Na contemporaneidade, embora prevaleça o modelo de amor romântico, este vem sofrendo interferências próprias das constantes mudanças na sociedade, como a luta das mulheres pela igualdade tanto na área profissional quanto pessoal e afetiva, o aumento da violência urbana, o aumento da carga horária de trabalho, as facilidades trazidas pela tecnologia (TV, computador, celular, etc.). Assim, se por um lado essas transformações viabilizam contatos não presenciais (inclusive relacionamentos amorosos via internet), ao mesmo tempo acarretam menos contatos direto entre as pessoas (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006).

Todas estas mudanças trouxeram uma cultura do narcisismo, com uma necessidade de valorização do corpo – que é constantemente reforçada pela mídia –, o aumento na aquisição de bens de consumo para satisfação narcísica, problemas de comunicação, dificuldades financeiras, assim como o uso de drogas para diminuir o estresse e a dificuldade de suportar a solidão (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006).



Em consequência, as relações amorosas tornaram-se efêmeras, mantidas somente enquanto o relacionamento for bom para ambos, com espaço para a conjugalidade junto com a garantia da individualidade, em que a fidelidade sexual é decidida pelo casal e onde há um espaço importante para o investimento profissional dos parceiros (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006).

A sociedade contemporânea adotou como importante característica o individualismo. Isto de acordo com Castells (2000) acontece por dois motivos: pela lógica liberal do capitalismo e pela tecnologia de informação. Segundo Guedes e Assunção (2006), a tecnologia de informação altera as relações do homem com o trabalho, na medida em que este pode ser dispensado como força de trabalho e mantém uma exigência de estar constantemente se aprimorando para se manter atualizado diante das rápidas mudanças tecnológicas. Da mesma forma, altera as relações interpessoais aumentando as diferenças econômicas e sociais, assim como tornando-as efêmeras e descartáveis. Influencia também nas relações geracionais, na medida em que essas são redimensionadas com as novas e diferentes possibilidades de reprodução e constituições familiares, quais sejam, inseminações, famílias monoparentais, homoparentais, etc. Na pós-modernidade, as opções aumentaram rapidamente.

Diante das transformações do mundo contemporâneo e do aumento de relações virtuais, o amor romântico fica difícil de ser sustentado, uma vez que a não existência de uma interação presencial e sim através de “virtualismos”, produz uma comunicação psicologicamente distante ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, possibilita apoio psicológico e senso de pertencimento. A tecnologia ao facilitar a proximidade nas atividades cotidianas, torna as pessoas mais independentes e autônomas. Interessante observar que quanto mais possibilidades de encontros são oferecidas, mais sozinhas as pessoas estão se sentindo. Este progresso todo trouxe um aumento do isolamento e solidão das pessoas, advinda da inabilidade de formar ou manter relações afetivas. Há uma ênfase na importância da liberdade e independência para desta maneira não se fragilizar quando o outro for embora. É preciso se



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

proteger se tornando autossuficiente – ideia que a tecnologia reforça (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006).

Carvalho e Paiva (2009) salientam que outra razão que torna as relações mais fluidas é o fato das pessoas pensarem que sempre existe a possibilidade de encontrar um parceiro melhor do que o atual. Isto é fruto da sociedade consumista que impulsiona a buscar sempre algo novo, melhor, diferente, ao invés de aprender a conviver e aceitar as diferenças. Segundo os autores, esta busca constante pelo parceiro ideal dificulta encontrar um único parceiro, provocando trocas constantes, o que aumenta a sensação de solidão. E como existem muitas possibilidades e também há liberdade de escolha e de experimentação, além de um aumento significativo na estimativa de vida, torna-se difícil o comprometimento para toda uma vida, uma vez que todos podem querer alguém diferente a qualquer momento.

Atualmente, as relações são de entrega somente enquanto os parceiros encontram satisfações. É preciso reciprocidade para não viver uma solidão a dois, e neste caso a escolha pelo rompimento da relação ao invés da manutenção por hábito ou acomodação tornou-se facilitada, através do divórcio.

A sociedade atual está criando uma nova ética do relacionamento, tornando-os cada vez mais frágeis. O amor de hoje parece confuso em alguns momentos, pois ao mesmo tempo em que as pessoas mantêm uma convivência e têm o desejo de compartilhar objetivos e projetos de vida, interrompem esses planos de um dia para o outro, como se a vida exigisse rapidez e os sentimentos tivessem que ser consumidos e descartados.

Além disso, cabe ressaltar que as relações humanas estão cada vez mais flexíveis, porém isto pode gerar níveis de insegurança e ansiedade nos parceiros. Já que, atualmente, em alguns relacionamentos as pessoas estão sendo tratadas como “mercadorias”. Ou seja, mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometam ainda mais satisfação.



Atualmente, nos casais recém-formados parece muito fácil dizer “eu te amo” e isto pode contribuir para a sensação de insegurança, já que não existe mais a responsabilidade de estar mesmo amando. A palavra amor vem sendo usada sem as pessoas saberem direito o que sentem, sem conseguirem definir a diferença entre amor e paixão, por exemplo, e utilizarem esta palavra mesmo que incorretamente (BAUMAN, 2004). É fundamental apontar que o amor não é um “objeto encontrado”, mas um produto de um longo, e muitas vezes difícil, esforço, e de boa vontade de ambos para com a manutenção do relacionamento (BAUMAN, 2004).

Aspectos desenvolvimentais como disparadores das uniões amorosas

- Gravidez não planejada

Um fator que colabora para a ocorrência de uniões repentinas é o fato do casal de namorados engravidar, sem que tenha havido um planejamento anterior para isso. Alguns optam por manter o namoro e não morar juntos. No entanto, ainda que a sociedade esteja aceitando novas configurações, ainda é forte a pressão social para que pais sejam também cônjuges. Tal questão faz com que muitos casais decidam por uma união rápida, mesmo que não estivessem cogitando dar tal passo antes de terem engravidado. Este enlace pode se dar de várias formas, desde a coabitação até o casamento formal.

Quando ocorre em casais de adolescentes, é comum que a decisão pela união e pela divisão dos cuidados com o bebê sejam feitas também pelos pais dos jovens e não apenas pelo casal (HINTZ, 2001). Adolescentes que decidirem morar juntos (já que terão um filho), vivenciarão fortes interferências de suas famílias de origem, já que necessitarão de apoio financeiro, emocional e de instruções práticas referentes às novas demandas de cuidados com a casa, com o casamento e com o bebê.

No entanto, se a gravidez inesperada ocorre em um casal de namorados jovens adultos que possui independência financeira ou adultos



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

maduros, mesmo advindo de uniões anteriores, a decisão pela formalização da relação ocorre como uma opção a ser discutida pelo casal. Assim, tende a não ter tanto peso a pressão das famílias de origem, já que o casal possui maior independência e maturidade para lidar com as novas demandas e poder decidir com mais privacidade.

- Relógio biológico feminino

As gestações entre mulheres com mais de 35 anos têm aumentado tanto no Brasil como no mundo. Os motivos para que isto ocorra são diversos, tais como o desejo em investir na formação e na carreira profissional primeiramente, a postergação da época do casamento, a constituição de novas uniões, a grande e diversificada disponibilidade de métodos contraceptivos e também problemas de infertilidade (RAVENA et al., 2012).

Nos Estados Unidos, entre os anos de 1991 e 2001, o percentual de primeira gestação de 35 a 39 anos e de 40 a 44 anos aumentou em 36% e 70%, respectivamente (HEFFNER, 2004). O Ministério da Saúde Brasileiro considera fator de risco gestacional preexistente a idade materna maior que 35 anos, o que exige atenção especial durante a realização do pré-natal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

O número de mulheres que engravidam numa faixa etária mais avançada é significativo e mulheres de 35 a 39 anos, por exemplo, correm risco duas a três vezes maior de mortalidade materna do que as mulheres com idade na casa dos 20 anos. Este risco é ainda mais acentuado para as mulheres com 40 anos ou mais (BERG et al., 2003). As gestações de mulheres de idade materna avançada são consideradas como gestações de alto risco, em decorrência principalmente da incidência crescente de síndromes hipertensivas, maior ganho de peso, presença de obesidade, miomas, diabetes, aborto e cesárea (CLEARY-GOLDMAN et al., 2005).

Quando a mulher se aproxima dos 35 anos de idade, o relógio biológico alerta que há pouco tempo para uma gestação. Apesar das



mudanças que discutimos, a vivência da maternidade a partir de uma gestação própria continua sendo o sonho de muitas mulheres. Assim, com a idade avançada, as mulheres investem numa relação amorosa rapidamente, nem sempre escolhendo um parceiro, mas um pai para seu filho. Deixam de ter relacionamentos curtos e passam a buscar um companheiro para rapidamente avançar no relacionamento, objetivando uma relação mais sólida, com a perspectiva de uma união amorosa e da geração de filhos. Todas estas questões podem influenciar bastante no fato do namoro ser breve, visto que nesta etapa do ciclo vital a idade biológica da mulher, muitas vezes, não “pode esperar” a consolidação da identidade do casal.

Desafios a serem enfrentados nas uniões amorosas após namoros breves

A etapa do ciclo de vida familiar mais complexa e difícil é a construção de uma nova família a partir da constituição de um casal (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) - independentemente do fato de se apenas coabitaram ou, de fato, oficializarem a união. As tarefas básicas desta etapa estão relacionadas à necessidade de ajustamento em relação aos hábitos e rotinas de cada um, às expectativas com a união e com o cônjuge, à construção da intimidade, o risco da fusão, a decisão pelo momento ideal de ter filhos, negociações sobre o uso do dinheiro, divisão das tarefas domésticas, etc. Uma série de novidades que impõem aos companheiros grandes desafios a serem vencidos na convivência.

Além disso, os casais que se unem possuem uma difícil tarefa de aprender rapidamente a enfrentar e resolver as dificuldades que surgem no curso da vida a dois. A capacidade de enfrentar problemas rapidamente exige do casal muita maturidade e flexibilidade.

Outra questão importante num sistema conjugal é o equilíbrio do poder. Ou seja, casais funcionais conseguem manter uma complementariedade diante das obrigações e ao mesmo tempo um sentido de igualdade e de liderança compartilhada. Por outro lado, casais disfuncionais apresentam um desequilíbrio de poder. Inicialmente isto pode não



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

gerar grandes conflitos, mas com o passar do tempo este desequilíbrio persistente na relação pode levar a sintomas de depressão ou até à diminuição no desejo sexual (ANDOLFI, 2002).

Assim, além das questões próprias desta etapa do ciclo vital - a constituição de uma nova família a partir da união conjugal - muitos serão os desafios que os casais que decidem unir-se após um curto período de relacionamento precisam enfrentar. Para alguns autores como Giddens (1993) e Bauman (2004), as uniões amorosas consumadas após um breve período de namoro não trazem um sentimento de segurança, porque não permitem o tempo necessário para que os cônjuges possam desenvolver fatores importantes no relacionamento, como a construção da intimidade e da cumplicidade, para a vivência de segurança numa relação.

No entanto, em nossa prática clínica, temos observado que o tempo de relacionamento curto não é um fator determinante do nível de satisfação conjugal, e ao contrário do que se pensa, não prediz naturalmente o insucesso da união. Apenas exige engajamento para superação dos desafios, já que algumas etapas, que comumente são vivenciadas antes da união, serão vividas quando o casal já estiver morando junto.

A construção da intimidade conjugal

Intimidade não acontece automaticamente, apenas vivendo na mesma casa, mas sim é algo que precisa ser construído na convivência. Assim, conviver não é sinônimo de ser íntimo, apesar de muitos acreditarem nisto. As pessoas desejam se relacionar por terem a necessidade de afeto, atenção e aceitação, ou seja, por serem seres sociais/relacionais. O ser humano tem uma demanda de amor - busca amar e sentir-se amado. Isto significa que busca nas relações (na maioria das vezes de forma inconsciente) essa sensação primária de plenitude e de segurança, refletida em maior grau nas relações de intimidade.

É fundamental diferenciar a intimidade emocional da intimidade física, pois muitas pessoas fazem confusão entre esses dois conceitos.



Cada vez mais cedo, os casais estabelecem uma intimidade física, porém, muitas vezes, não conseguem estabelecer uma intimidade emocional, que só é possível a partir de uma relação próxima, construída à base de confiança mútua. Confiar significa acreditar que será aceito do jeito como é, para assim conseguir compartilhar tanto as qualidades quanto as vulnerabilidades e inseguranças. No entanto, expor as fragilidades pode ser muito amedrontador, pois carrega o peso da falha e a dificuldade em tolerar o fracasso.

Dessa forma, é importante confiar em si mesmo, na capacidade de ser genuíno, percebendo o que tem para oferecer numa relação tranquila e prazerosa com o outro, para ter a coragem de se mostrar. Portanto, para construir uma relação de intimidade com alguém é preciso estar atento a esse processo de busca de si mesmo, à sua capacidade para amar e principalmente, para sentir-se amado.

Intimidade implica também em entrega. É uma via de mão dupla, contrária ao individualismo do mundo contemporâneo. É necessário desenvolver confiança, para poder se entregar sem medo do que o outro vai pensar, possibilitando viver um relacionamento inteiro, intenso e duradouro. O parceiro deve ser visto como um sujeito com seus desejos próprios e deve ser tratado com respeito e não visto como uma “mercadoria” que pode ser descartada quando não mais interessar.

Portanto, ser íntimo é ser cúmplice, é estar ao lado do outro e tal postura não depende necessariamente do tempo de namoro, mas da maturidade emocional dos cônjuges, da sua visão acerca das relações amorosas e de sua disponibilidade para a relação. A convivência diária possibilitará que os companheiros desenvolvam a intimidade, a confiança e a entrega necessárias para uma união amorosa duradoura e satisfatória.

Estabelecimento das etapas do ciclo vital individual e conjugal

As etapas dos ciclos de vida individual e do ciclo do casal ocorrem de uma forma relativamente sucessiva, de uma ordem que vai de



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

um menor grau de complexidade a um maior grau. Assim, a mudança rápida de uma etapa para a outra ou, até mesmo, pular etapas, por vezes, não permite a elaboração das tarefas básicas de cada fase, assim como limita a consolidação das novas aquisições e as adaptações necessárias a cada período.

Refletir sobre o momento do ciclo vital em que cada parceiro encontra-se quando decide unir-se é relevante pelas implicações que trazem ao relacionamento. Assim, como é fundamental diferenciar o momento do ciclo vital do casal em que a união ocorre. Portanto neste tópico, traremos algumas considerações a respeito das etapas dos ciclos individual e conjugal mais relevantes no caso de uniões após namoros breves.

O indivíduo possui um ciclo de vida próprio construído socialmente, em que as etapas vão ocorrendo a partir das necessidades biológicas, emocionais e sociais de cada período. A adolescência é uma fase complexa do ciclo vital onde é vivenciado uma série de transformações biológicas, psíquicas e sociais. Uma das questões psicossociais da adolescência diz respeito à possibilidade de estabelecer uma relação afetiva e a aprendizagem da vivência de intimidade. Para tanto é necessário buscar sua identidade pessoal, diferenciando-se da família e buscando novas relações fora do contexto familiar. Este processo possibilitará a manutenção do eu dentro da relação, que é um dos fatores fundamentais para o estabelecimento de uma relação conjugal, uma vez que a pouca diferenciação pode causar numerosos conflitos na busca de que suas necessidades sejam atendidas pelo parceiro.

Este processo demanda tempo para o amadurecimento e para estar preparado para fazer talvez uma das mais importantes escolhas da vida adulta, que é a do parceiro. Mas se este processo do adolescente ou do jovem é por algum motivo apressado e acontece junto com a coabitação, pode trazer uma série de dificuldades para os companheiros. Como é o caso da gravidez adolescente, na qual a passagem prematura para a parentalidade por si só já é demasiado estressante. Também a situação em que adolescentes se casam sem terem sua identidade for-



mada, geram grandes conflitos com as mudanças de personalidade que ainda viverão, trazendo por vezes a sensação de que a pessoa com a qual se casou não é mais a mesma, mudou definitivamente e não parece mais interessante neste novo momento de sua vida.

O casal possui um ciclo de vida próprio com fases relativamente previsíveis no que se refere a sequência, porém não temos como saber quanto tempo irá durar cada fase. Cabe apontar que, assim como a família e o indivíduo apresentam um ciclo de vida que depende do momento de amadurecimento em que se encontram, o casal também apresenta diferentes fases. Em ambos os ciclos existem momentos críticos, de transição e de crise.

O ciclo de vida no casal inicia-se em estágios anteriores ao casamento (união), visto que desde o início é influenciado pela família de origem de cada um. A conjugalidade promove uma série de mudanças, quais sejam no desenvolvimento pessoal de cada um dos parceiros, na relação entre os dois, na relação entre eles e as famílias de origem, na relação com os amigos, enfim, entre eles e todos os sistemas em torno deles (PASCOAL, 2010).

A primeira fase, o apaixonar-se, exige o reconhecimento do amor, em que ambos tentam ativamente estabelecer uma forte conexão. Nesta etapa, vivencia-se um momento da vida a dois repleto de fantasias, expectativas e idealizações, em que o casal se vê como uma unidade e onde o outro ainda não é visto como de fato ele é, mas através deste véu do enamoramento. A idealização do parceiro é tão completa, que não se consegue reconhecer e perceber os defeitos do outro (SATTLER et al., 1999). No decorrer do tempo de convívio, estas expectativas irrealistas podem tornar-se frustrantes na medida em que cada um vai conhecendo como o outro é de fato, deixando de atender as suas necessidades que foram projetadas no parceiro. Assim, as grandes expectativas e as idealizações do outro e de si mesmo, a falta de maturidade, entre outras questões, podem trazer conflitos que se o casal não conseguir resolver para manter a relação, acaba resultando numa separação, que é sempre vivida de forma dolorosa.



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

Todavia se o casal já nesta etapa do enamoramento for morar junto, pode “correr o risco” de rapidamente pular para a fase seguinte do ciclo e não conseguir tolerar/suportar os defeitos, ilusões e imperfeições do outro quando estas surgirem. Também nesta fase é difícil conseguir estabelecer de forma realista todas as combinações necessárias de um relacionamento, visto que na fase de enamoramento ambos podem apresentar-se mais flexíveis e tolerantes, quando na verdade, não são bem desta maneira. Para passarem para outra fase que é a da estabilidade os casais devem se desfazer das ilusões e aceitar quem eles são e o que realmente têm na relação. Para isso, tolerar as imperfeições e defeitos exige das pessoas muita maturidade, e nem sempre ambos possuem condições emocionais para tal.

A consolidação da identidade conjugal X a manutenção da individualidade

Uma relação passa por diferentes etapas, e a maneira como estas serão vivenciadas vai depender do que cada um traz para o casamento, e de como vai se dar a combinação das histórias pessoais. Entende-se que nenhum casal inicia uma relação a partir do zero, pois cada indivíduo tem um sistema de crenças e de expectativas em relação ao casamento, estruturado a partir das experiências na sua família de origem e de relacionamentos afetivos anteriores.

Faz-se necessário um período de readequação das individualidades e de construção da conjugalidade, adquirindo um senso de pertencimento àquela díade e ao sistema conjugal composto pelos cônjuges. Esta complexidade, exige do casal a habilidade de negociação, além do aprendizado de respeitar o tempo que cada um precisa para resolver as reestruturações e colocar-se aberto para as mudanças. A conjugalidade é construída com tudo o que cada parceiro leva para relação, suas histórias individuais, seus sonhos, expectativas, sua mitologia do amor e do casamento, enfim tudo o que a constitui.

Dessa forma, é sem dúvida uma grande aprendizagem fazer parte de um casal, tendo cada um sua individualidade e, é ao mesmo



tempo, um exercício contínuo cuidar da individualidade e consolidar a identidade conjuga. É importante para a construção da conjugalidade que os parceiros estejam minimamente resolvidos em suas identidades individuais, para que possam preservar o “eu” dentro do casal, criando desta forma mais possibilidades de viver a intimidade sem perder a individualidade, assim como a probabilidade de se manter inteiro diante dos conflitos conjugais.

O risco da fusão nos companheiros que se casam após um curto período de namoro, e assim encontram-se na fase de apaixonamento, é grande, já que a idealização do outro é intensa neste período. Sattler et al. (1999) aponta que no início da relação não há espaço para a percepção das dificuldades ou dos defeitos do parceiro - e tem que ser assim, para propiciar a união. No entanto, a idealização precisa ceder espaço às percepções mais realistas do outro, diminuindo a fusão inicial. Carter e McGoldrick (1995) ressaltam a diferença existente entre usar o relacionamento amoroso para sentir-se completo elevando a autoestima e estabelecer uma relação íntima com uma pessoa separada de si e com desejos próprios.

Sabe-se que os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento um do outro, ao mesmo tempo em que surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais. Ou seja, para fortalecer a conjugalidade é necessário ceder diante das individualidades (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Assim, é muito importante para o bom funcionamento de um casal, a adequação entre a coesão e a diferenciação. Os casais saudáveis conseguem encontrar um equilíbrio entre proximidade e respeito ao distanciamento e às diferenças individuais (ANDOLFI, 2002).

Portanto, os primeiros anos de convívio exigem mais flexibilidade e paciência, e mais ainda se o casal namorou e casou rapidamente. As demandas trazidas por uma união afetiva após breve namoro, poderão ser mais difíceis de serem resolvidas levando-se em consideração que o casal, além das questões expostas acima, tem a necessidade de conhecer



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

um ao outro, de forma que todas as complexidades são experienciadas ao mesmo tempo, num momento em que a identidade de casal ainda está em fase de consolidação.

Estas serão vivenciadas de maneira diferente dependendo da idade, da maturidade e do grau de diferenciação de cada um dos cônjuges, assim como da situação em que se deu esta união. Se a união acontece em função de uma gravidez, torna-se mais laborioso dar atenção às questões conjugais, e mais ainda se os cônjuges forem adolescentes. Uma frágil intimidade pode dificultar o estabelecimento da conjugalidade e isto se torna mais difícil se somado a questão da parentalidade.

Nem tudo são espinhos nesse processo...

Discutimos vários motivos que levam à decisão por uma relação amorosa após um breve namoro e toda a problemática envolvida nesta situação. No entanto esta decisão também traz diversos aspectos positivos:

- a não existência de mágoas anteriores, já que o casal ainda encontra-se na fase de apaixonamento e não possui tempo suficiente para ter um grande histórico de mágoas mútuas que dificultam o relacionamento. Assim, diferentemente de relações mais longas em que existem mágoas por diferentes motivos, tais como, problemas de comunicação, dificuldades em relação às famílias de origem, dificuldades financeiras e também por questões relacionadas à falta de confiança, como questões de infidelidade conjugal, etc.:
- vivência mais intensa da fase da paixão, que é um momento em que o casal tem a necessidade/vontade de estar todo o tempo junto, e que estarão unindo-se exatamente neste momento;
- o apoio mútuo para estruturação das carreiras profissionais de ambos. Se a união ocorrer entre indivíduos jovens, que estão construindo suas trajetórias laborais ou entre indivíduos madu-



ros, que estão reordenando suas escolhas profissionais, arriscando-se em negócios novos ou ainda entre casais de idosos, que estejam preparando-se para a aposentadoria;

- a carga horária de trabalho que muitas vezes é grande, quando os dois estão num momento de investimento em sua carreira profissional, sobrando pouco tempo para o relacionamento. Neste caso, o morar junto possibilita o desenvolvimento e a manutenção da relação;
- a construção do patrimônio financeiro em conjunto, o que cria um senso maior de intimidade e reforça a constituição da identidade do casal, consolidando a conjugalidade. Especialmente nos casos em que o casal é jovem e estão construindo o relacionamento ao mesmo tempo em que estão adquirindo bens e construindo um lar comum ao novo casal;
- a economia de recursos financeiros já que ao coabitar o casal diminui as despesas de dois lares e passa a dividir a de um só, podendo investir em outras áreas individuais, como o desenvolvimento da carreira, ou em áreas mais coletivas, como o planejamento de viagens de lazer da família ou de melhorias no lar, etc.;
- a aprendizagem sobre a administração das questões financeiras, já que desde o princípio da relação podem estabelecer as regras quanto às despesas, o planejamento financeiro familiar e os investimentos financeiros que farão. Se as combinações estiverem claras desde o início da união (coabitação) do casal, provavelmente, este não será, posteriormente, um motivo de conflito que é muito frequente quando os casais passam a morar juntos;
- a evitação da violência urbana e o cuidado de si e do outro, já que, por vezes, o morar junto para as pessoas que estão querendo se ver frequentemente facilita que não tenham que se expor continuamente ao perigo de estar nas ruas nos mais variados horários e locais;



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

- as relações iniciadas pela internet, facilitam os contatos, mas pelo fato das pessoas morarem em cidades ou países diferentes e distantes decidem unir-se para viabilizar o relacionamento, se conhecer melhor e viverem a paixão.

Assim, morar junto após breve namoro traz vantagens emocionais, econômicas e sexuais, mostrando que “nem tudo são espinhos”, havendo também muitas flores no caminho das uniões amorosas.

Considerações finais

Temos presenciado no decorrer principalmente das últimas décadas muitas transformações nos relacionamentos amorosos, devido às mudanças sociais, econômicas e tecnológicas. Os conceitos de amor, sexo e relacionamentos também foram se modificando.

Quando o amor romântico, que data do século XVIII, passou a ser o ideal de casamento, trouxe com ele a exigência do amor para a união e a criação de expectativas. Esse conceito implica na durabilidade da relação. Como a paixão dura pouco tempo, o amor conjugal que se baseia na paixão, também não dura. Uma alternativa contemporânea é a separação. Não para reparar um erro, mas sim para dar lugar à possibilidade de um novo sentimento, por outra pessoa, outra relação que traga satisfação. O amor paixão tem a propensão de acabar com o tempo, o que fez com que os casais tivessem que redefinir expectativas e idealizações a respeito da instituição casamento no formato mais tradicional.

Atualmente, identificamos uma modernização nas relações e o casamento não é mais necessário para legitimar o início da convivência, apesar de carregar o significado de confirmação da união. No entanto, apesar do casamento não ser mais prioritário, continua sendo desejado. A escolha pelo casamento, sua ruptura ou manutenção compreende aspectos de maior subjetividade dos indivíduos e dos casais. Na atualidade, vários são os significados atribuídos a casamento, sexo e amor e assim cada pessoa tem cada vez mais liberdade de escolher a forma e com quem se relacionar.



Novas configurações amorosas como a coabitação, o popular “namorido” e a união estável vem surgindo como forma de adequar os desejos e às necessidades dos indivíduos na contemporaneidade. Os casamentos oficializados com rituais civis e religiosos continuam existindo, mas já se modificaram e não são tão tradicionais. Os casamentos contemporâneos não são mais para sempre e o que importa é a intensidade e a satisfação conjugal. Cada vez mais rápida pode ser a decisão de casar, assim como em qualquer momento pode acontecer a decisão pela separação, o que se observa acontecer inclusive em casais de pessoas com idade mais avançada.

Apesar de todas as mudanças ainda se encontram mulheres que desejam casar e exercer o papel de mãe e dona de casa nos moldes tradicionais. Em contrapartida também se verifica o surgimento de homens se comprometendo com as tarefas domésticas e de cuidados dos filhos, enquanto a mulher busca seu crescimento profissional e se torna a provedora da família.

A união amorosa após um breve namoro traz grandes desafios para o casal. Sem dúvida as dificuldades são diferentes para cada casal, dependendo de fatores individuais e da maturidade emocional, dos motivos da união, e do quanto cada um está preparado para uma vida a dois. Os desafios enfrentados passam por: aprender a respeitar a individualidade de cada um, enquanto constroem a identidade do casal; aprender a respeitar e aceitar costumes diferentes; negociar divisão de tarefas; lidar com os medos e inseguranças próprios de estar numa relação; aprender a administrar a vida econômica; construir intimidade e cumplicidade, etc. Poderíamos seguir enumerando os desafios existentes. No entanto, não podemos esquecer que estes não devem ser vistos de forma negativa. Na verdade, cada desafio oferece a oportunidade de cada indivíduo, e do casal, aprender mais sobre si mesmo e sobre a relação, além de ser uma possibilidade de crescimento e amadurecimento do relacionamento conjugal.

Obviamente temos que ter muito cuidado porque o fato das relações terem sido construídas em um período breve de tempo, não



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

significa que há falta de investimento ou de comprometimento. Isto irá depender muito da maturidade, dos tipos de apego dos indivíduos e também do momento do ciclo vital que se encontram. Não existe fórmula correta para uma relação dar certo. O tempo prévio de relacionamento não é determinante para o sucesso da relação, existindo diversos fatores que influenciam a qualidade do relacionamento para além do tempo de namoro.

Referências

ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 22, n. 2, p. 70-77, 2002.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERG, C. J. et al. Pregnancy-related mortality in the United States, 1991-1997. **Obstetrics & Gynecology**, v. 101, n. 2, p. 289-296, 2003.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Gestação de alto risco: manual técnico**. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVALHO, F. C. G.; PAIVA, M. L. S. C. O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. **Boletim de Psicologia**, Universidade Mackenzie São Paulo, v. 59, n. 131, p. 223-235, 2009.



CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CLEARY-GOLDMAN, J. et al. Impact of Maternal Age on Obstetric Outcome. **Obstetrics & Gynecology**, v. 105, n. 5, p. 983-990, 2005.

DUARTE, J. P.; ROCHA-COUTINHO, M. L. “Namorado”: uma forma contemporânea de conjugalidade? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 117-135, 2011.

FALCKE, D.; ZORDAN, E. P. Amor, casamento e sexo: opinião dos adultos solteiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 143-155, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

GUEDES, D. D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 396-425, 2006.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1993.

HEFFNER, L. J. Advanced maternal age: how old is too old? **The New England Journal of Medicine**, v. 351, n. 19, p. 1927-1929, 2004.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, n. 3, p. 8-19, 2001.

JABLONSKI, B. A Divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.



Capítulo 3 - Uniões amorosas após namoros breves

PASCOAL, N. J. **O namoro no jovem adulto: compromisso e atitudes face à coabitação.** 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2010.

RAVENA, A. A. F. et al. S. M. Resultados perinatais em gestações tardias. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 15-21, 2012.

SANTOS, F. Perfis de Coabitação no Portugal Contemporâneo. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6, 2008, Lisboa. **Anais eletrônicos...** Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/394.pdf>> Acesso em: dez de 2014.

SATLER, M. et al. M. O ciclo de vida do casal. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, ano 1, n.1, p. 41-47, 1999.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.

